

A IGREJA EMERGENTE: UM ESTUDO A RESPEITO DO MOVIMENTO

Felipe dos Santos Cardoso¹

Daniel da Fonseca Lins Junior²

RESUMO

Estuda a expressão religiosa pós-moderna intitulada de “movimento da igreja emergente” na tentativa de responder à questão como é possível manter a relevância da igreja, num contexto pós-moderno, sem comprometer a mensagem do evangelho. Inicialmente faz-se uma breve pesquisa sobre a origem e o conceito de “pós-modernismo”, ainda outra sobre a definição, origem e principais características do “movimento da igreja emergente”, e, na sequência, reflete-se sobre as implicações decorrentes das compreensões emergentes. Este trabalho se desenvolve a partir de pesquisa qualitativa realizada através da utilização de materiais bibliográficos. A argumentação apresentada no texto considera a importância de se conhecer o movimento e conclui que dele decorrem riscos que devem ser evitados e contribuições com as quais a igreja cristã pode se beneficiar.

Palavras-chave: Pós-modernismo. Igreja emergente. Religião.

¹ Graduando em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia;

² Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente das disciplinas de Sociologia e Axiologia e Ética no Seminário Latino-Americano de Teologia.

INTRODUÇÃO

Nos encontramos às vésperas do encerramento da segunda década do século XXI, e percebemos que o mundo ao nosso redor está mudado e que continua a mudar rapidamente. A tecnologia avança atingindo níveis sem precedentes mudando a forma como nos comunicamos, relacionamos, comemos, como realizamos nossas atividades, desde as mais básicas até às mais complexas, e mudando também, como consequência disso, a forma como vivemos. Como cristãos, nos flagramos mais e mais submersos dentro do mundo e pensamento pós-modernos, carecidos de compreensão sobre esse tema e de como as influências deste fenômeno estão cada vez mais afetando e até mesmo reconfigurando os paradigmas da igreja cristã neste século.

Uma rápida procura pelo termo “igreja emergente” ou “movimento emergente” realizada na plataforma de pesquisa Google já oferece, respectivamente, aproximadamente 324.000 e 525.000 resultados disponíveis na internet abordando o assunto³. Isso sem mencionar os inúmeros livros, artigos, vídeos, podcasts, e debates a respeito do tema. Devemos reconhecer que o mundo está falando sobre isso e nós não podemos ignorar a presença e influência deste movimento dentro da igreja cristã contemporânea.

Como devemos proceder de modo a nos mantermos relevantes dentro de um contexto pós-moderno sem, contudo, abrir mão da pureza do evangelho ou incorrer nos equívocos do movimento da igreja emergente? Essa é uma das principais perguntas que muitos líderes cristãos têm buscado responder na tentativa de desenvolver uma missiologia eficiente para este tempo pós-moderno. Para fazermos uma boa abordagem do movimento da igreja emergente, precisamos preliminarmente conhecer e considerar questões concernentes à pós-modernidade com o propósito de compreendermos melhor a mentalidade por trás dessas mudanças. Em seguida, estuda-se a origem, o conceito e as características do movimento emergente, e, ademais, reflete-se sobre as contribuições e riscos que seguem o movimento.

Este trabalho se desenvolve a partir de pesquisa qualitativa realizada através da utilização de materiais bibliográficos já existentes sobre o tema “Pós-modernismo” e “movimento emergente” constituídos principalmente de livros e artigos, a fim de dar embasamento acadêmico e alcançar seus objetivos. A argumentação apresentada no texto considera a importância de se conhecer o movimento e entende que dele decorrem graves riscos à igreja que devem ser evitados e contribuições com as quais a igreja cristã pode se beneficiar.

³ Pesquisa realizada em 11 de outubro de 2017.

O FENÔMENO PÓS-MODERNO

Observações preliminares

Quando lemos e ouvimos a respeito do movimento da igreja emergente costumamos esbarrar com muita frequência nos termos “pós-modernidade” e “pós-modernismo”. A razão disso é que estes são termos comuns ao tema e que de muitas formas se intercomunicam e se inter-relacionam, mas que, apesar disso, não são termos sinônimos, embora alguns autores como Carson (2010) e Ayres (2011) cheguem a usar os termos de forma intercambiável algumas vezes.

Partindo da compreensão de que “o termo pós-moderno costuma ser empregado de duas formas: como pós-modernismo e como pós-modernidade” (FORTES, 2014, p. 8), uma ligeira distinção entre os termos citados se mostrará bastante útil para os interesses deste trabalho, a fim de facilitar a compreensão de suas ocorrências ao longo do corpo deste artigo. Deve-se levar em conta, entretanto, que uma compreensão mais ampla será obtida à medida que os termos aparecem e são discutidos dentro do texto.

Basicamente, pós-modernidade diz respeito ao período ou época que sucede outro período chamado de “modernidade”, e se refere à “época em que a cultura é moldada pelas as ideias, caráter e valores pós-modernos” (GRENZ, 1997, p. 31). O pós-modernismo, por sua vez, diz respeito ao pensamento, atitude intelectual e ideais que norteiam o modo como os pós-modernos agem e se expressam culturalmente (GRENZ, 1997, p. 31), ou, simplesmente, entendido como “o conjunto do pensamento da pós-modernidade” (FORTES, 2014, 8). Posto isto, passamos agora a buscar resgatar um pouco da origem e do conceito do pensamento pós-moderno.

ORIGEM E CONCEITO

Não há unanimidade quanto ao momento exato em que o pós-modernismo surge no cenário mundial, no entanto, geralmente, assume-se que “o fenômeno teve início nas artes, inicialmente na arquitetura, e depois teve espaço ampliado na cultura geral” (AYRES, 2011, p. 4). Segundo Grenz (1997), importantes estudiosos do pós-modernismo⁴ concordam que o termo “pós-modernismo” já teria aparecido pela primeira vez por volta da década de 30 designando certos desenvolvimentos nas artes. Ele também vincula a gênese do conceito e do termo ao escritor espanhol Federico de Onis e a Arnold Toynbee. Enquanto Onis teria aplicado o termo se referindo a uma reação dentro do

⁴ Para mais detalhes sobre proponentes do debate pós-modernista, ver “GRENZ, Stanley J. Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 29-40”. E “NASCIMENTO, João Paulo C. Abordagens do pós-moderno em música: a incredulidade nas metanarrativas e o saber musical contemporâneo [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 21-23”.

modernismo, Toynbee estava convencido do surgimento de um novo momento da história.

Embora já houvesse ocorrências do termo “pós-modernismo” na década de 30, o pós-modernismo enquanto fenômeno cultural só ganhou impulso três ou quatro décadas mais tarde quando se alastrou pelo campo da filosofia se fortalecendo e ganhando notoriedade e repercussão nas últimas décadas do século XX (GRENZ, 1997). Desde então, uma larga quantidade de publicações sobre o assunto já foi elaborada na tentativa de sistematizar a origem, o conceito e as implicações desse fenômeno social. Em seu livro, enquanto avalia

Após o aparecimento dos principais trabalhos filosóficos nesse período [1970-1980], muito já se refletiu sobre a influência desse conceito, sobre suas bases e sobre suas origens, de modo que um mapeamento do pensamento pós-moderno já não escapa totalmente a uma sistematização de seus procedimentos, como aconteceu em décadas anteriores (NASCIMENTO, 2011, p. 21).

Dessa forma, por mais complexa que já tenha sido a tarefa de compreender o pós-modernismo, especialmente na segunda metade do século XX, na medida em que já observamos um pouco mais os desdobramentos do pós-modernismo e dispomos de vasta literatura sobre o assunto, é natural que hoje já tenhamos melhores condições de estudar e compreender este fenômeno.

Tomando como base as afirmativas postas até este ponto somadas às compreensões de Fortes (2014) podemos entender que inicialmente o termo pós-modernismo foi empregado para descrever um estilo e representação artística que questionava os padrões estabelecidos pela arte moderna, e desde então foi sendo associada a todos os demais questionamentos feitos não somente às artes, mas a toda a estrutura da cultura e pensamento moderno.

Portanto, se originalmente o pós-modernismo designou um movimento artístico que rompia com o estilo modernista ou representava apenas uma reação contracultural dentro do modernismo, atualmente representa muito mais o rompimento com os principais paradigmas iluministas da modernidade e se apresenta como um novo modelo que orienta a consciência da geração emergente e constitui uma ruptura radical em relação às suposições do passado (GRENZ, 1997).

Alguns dos fatores que impulsionaram a transição do período moderno para o pós-moderno se mostrarão de grande proveito para o nosso estudo posterior sobre o movimento da igreja emergente.

As transformações experimentadas no final do século XX foram em grande medida reflexo de uma intensa insatisfação com os resultados obtidos pelo iluminismo se comparados com as ambiciosas expectativas que seguiram ao seu surgimento no final do século XVII. Para Benton (2002, p. 30) “o Iluminismo gerou uma fé otimista no

progresso. Livres da decepção e opressão da religião, as pessoas teriam liberdade de pensamento e prosperidade sob a luz do racionalismo. Esta era a visão do período moderno”. Mas a cada dia que passa estamos nos distanciando mais da ideia de que verdadeiramente hajam certezas e verdades objetivas e universais – estas que eram algumas das suposições basilares do período moderno. Na pós-modernidade “a ideia de que a moralidade deve ser igual para todos, independente da época, é considerada absurda. [...] O pensamento racional e a ciência não são vistos como os salvadores da raça humana, como já se chegou a pensar” (IBIDEM, 2002, p. 31).

Uma desconfiança na ciência pode ser percebida devido a concepção de que os progressos tecnológicos e científicos rumo ao desenvolvimento também tenham ocasionado uma série de efeitos colaterais. A revolução industrial trouxe desenvolvimento, facilidades e mais rapidez de processos, mas também acelerou o aquecimento global e causou sérios danos ao meio ambiente. A tentativa de se estabelecer verdades absolutas desencadeou guerras através das quais uns tentaram impor suas verdades sobre a dos demais (IBIDEM, 2002).

Fala-se que a modernidade, apesar de ter oferecido o aumento de “padrão de vida” fracassou em trazer felicidade. E, como consequência, as pessoas desejam algo além do que a modernidade ofereceu. Na pós-modernidade reconhece-se que o ser humano tem necessidades que vão além daquilo que é material ou racional. E, assim como aconteceu em todos os outros períodos da história, as pessoas desejam avançar nas áreas em que elas se sentiam restringidas pelo período anterior. “Todos estes e outros fatores vêm agindo contra as antigas ideias da verdade objetiva e, assim, nos lançado no mundo pós-moderno” (IBIDEM, 2002, p. 35).

A pós-modernidade ainda não é uma obra acabada. E isso se deve ao fato de que nem mesmo o pós-modernismo já é um pensamento totalmente definido, mas ainda está em processo de formação. “Partindo do princípio de que o pós-modernismo está ainda em processo de desenvolvimento, ainda não temos condições de definir o termo. Não sabemos o início exato do pós-modernismo nem há quanto tem ele está entre nós” (KIMBALL, 2008, p. 62).

Embora o termo “pós-modernismo” e “pós modernidade” estejam em voga e que haja uma larga quantidade de literaturas e outras produções sob este “rótulo”, alguns autores preferiram se referir a este período usando outras nomenclaturas. Bauman (2013) prefere chamar de “modernidade-líquida” a este período disposto a dissolver tudo o que era sólido na modernidade. Para ele, passamos da fase sólida da modernidade para essa fase líquida em que as estruturas e padrões legados pela modernidade “já não podem manter sua[s] forma[s] por muito tempo” (BAUMAN, 2007, p. 7). Já Lipovestisk, refletindo sobre as emergentes características da sociedade, chama este período de hipermodernidade que ele define da seguinte forma:

Hipermodernidade: uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi, aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisavam adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer (LIPOVESTISKY, 2007, p. 286).

Não obstante, independentemente de como alguém possa se referir a este momento peculiar da história, há um fato fora de discussão do qual podemos ter certeza: há uma mudança em andamento. Nas palavras de Kimball (2008, p. 62): “Querendo ou não denominar essas transformações de pós-modernismo, algo está acontecendo e pode ser sentido, ouvido e observado na arte, na música, nas tendências da moda e na vida das pessoas nas gerações emergentes”. O fato de não podermos definir o termo pós-modernismo com precisão não significa que ele não seja real. Podemos concordar que mais importante que seu conceito são seus efeitos que já são totalmente perceptíveis ao nosso redor. E está reestruturando ou sobrescrevendo os paradigmas estabelecidos pela modernidade:

Os estudiosos não estão de acordo quanto as implicações do pós-modernismo, entretanto, são unânimes em relação a um ponto: este fenômeno marca o fim de uma cosmovisão única e universal. O espírito pós-moderno resiste as explicações unificadas, abrangentes e universalmente válidas. Ele as substitui por um respeito pela diferença e pela celebração do local e do particular a custo do universal. O pós-modernismo, de modo semelhante, implica uma rejeição da ênfase na descoberta racional por meio do método científico, que era o fundamento intelectual da tentativa moderna de construir um mundo melhor (GRENZ, 1997, p. 30).

Resumindo o que vimos até aqui, pós-modernidade é o termo empregado para se referir ao período histórico que apresenta uma nova configuração de paradigmas culturais, filosóficos, sociais, arquitetônicos, artísticos, ontológicos, epistemológicos que diferem drasticamente dos padrões encontrados em seu antecessor – modernismo – e que, na prática, corresponde a realidade concebida pelo modo pós-modernista de enxergar o mundo e que está por trás de todos os contrastes entre esses dois períodos.

Confluindo o que foi dito até este ponto com os objetivos deste trabalho, façamos uma rápida reflexão a respeito de como essa mudança de paradigmas também altera a forma como as pessoas respondem às questões relacionadas à espiritualidade.

Na era moderna os valores bíblico-cristãos formavam o background do mundo ocidental. Mesmo quem não era cristão estava inserido nesse contexto, recebia uma educação baseada em princípios racionais e lógicos, e seus padrões éticos e morais se harmonizavam com princípios cristãos. O monoteísmo era preferível; a verdade era alcançável e absoluta. A Bíblia era um forte ponto de referência para questões como a origem, propósito e sentido da vida (KIMBALL, 2008).

Já na era pós-moderna, como o avanço da tecnologia e dos meios de

comunicação, o mundo se tornou globalizado. As pessoas têm acesso e contato com o resto do mundo (notícias, moda, música, religiões, etc.). Há uma ampla variedade de experiências religiosas e todas são possibilidades. Por isso, o cristianismo é apenas mais uma religião entre outras e a Bíblia é mais um escrito religioso entre outros, mesmo assim, já leva o estigma de ser uma religião crítica e preconceituosa.

O pluralismo é marca da pós-modernidade. A razão e a lógica deram lugar à experiência e à compreensão individual, embora os interesses comunitários tenham superado o individualismo moderno. O quadro 1, retirado de Kimball (2008, p. 58), ajuda a visualizar as principais mudanças entre os períodos da história humana e perceber especialmente os contrastes entre o mundo moderno e o mundo pós-moderno que é o berço do movimento emergente.

Quadro 1 - Quadro de transição entre períodos históricos

	Mundo antigo 2500 a.C. - 500 d.C.	Mundo medieval 500 - 1500	Mundo moderno 1500 - 2000+	Mundo pós-moderno 2000+
Epistemologia	Cosmovisão regional. Época das primeiras civilizações. As divindades eram consideradas regionais e territoriais.	Cosmovisão judeu-cristã, teocêntrica.	Durante o iluminismo a epistemologia muda para a confiança centrada no homem e na razão a fim de descobrir a verdade.	Visão autodeterminada e pluralista da cultura e da religião. Aceitam-se verdades e crenças conflitantes.
Compreensão	O poder e a fé estavam em reis, impérios e divindades locais.	O poder e a fé estavam na igreja.	O poder e a fé estavam na razão humana, na ciência, na lógica, que também ajudava a explicar e interpretar Deus.	O poder e a fé estão na experiência pessoal.
Comunicação	Comunicação oral e registros históricos locais limitados.	Manuscritos e comunicação oral.	A imprensa transforma a comunicação.	Internet e mídia aceleram uma revolução na comunicação global.
Autoridade	A autoridade estava na revelação dada através de oráculos, poetas, reis e profetas.	A autoridade estava na Bíblia, mas devia ser compreendida de acordo com interpretação da igreja. A Bíblia não estava nas mãos do povo.	A autoridade estava na razão, na ciência e na lógica. Para os cristãos, estava na interpretação racional da Bíblia.	Desconfia-se de qualquer autoridade. A Bíblia está aberta a muitas interpretações e é apenas um entre muitos escritos religiosos.

Tema	“Quem é o homem, para que com ele Te importes?” – Salmo 8.4	“Creio para compreender.” – Anselmo (1033-1099)	“Conhecimento é poder.” – Francis Bacon “Penso, logo existo.” – René Descartes (1596-1650)	“Se isso faz você feliz, então não pode ser ruim.” – Sheryl Crow “Cada ponto de vista é uma visão originada em um ponto de vista”
-------------	---	---	---	--

Fonte: Kimball (2008, p. 58)

Algumas pessoas da nova geração ainda são modernas como resultado de haver recebido orientação e viverem sob os padrões de pais modernos. Por outro lado, existem pessoas de gerações mais antigas que são pós-modernas por terem rompido com os princípios modernos por não se sentirem confortáveis com eles. Isso deve nos lembrar que o pós-modernismo é mais uma questão de mentalidade do que de quando se nasce.

MOVIMENTO DA IGREJA EMERGENTE

Definição

É digno de menção que inicialmente cogitou-se desenvolver este trabalho a partir do termo “igreja emergente”. Entretanto, durante o processo de orientação e revisão bibliográfica destacou-se a impossibilidade de identificar este movimento com uma igreja nos moldes atuais, pois não se trata de uma instituição formalmente estabelecida com a qual alguém possa se vincular, e nem possui homogeneidade doutrinária, filosófica ou prática sobre as quais alguém possa professar fé (JOHNSON; GLEASON, 2008, p. 212).

Participando da discussão, alguns autores como Carson (2010) e Bohannon (2010) afirmam que alguns líderes e integrantes nem fazem questão de serem identificados como “igreja” e preferem não serem considerados como um movimento, mas sim como uma “conversa emergente”. Alguns autores empregam o termo “fenômeno” para se referir ao movimento, outros preferem o termo “igreja” ou, simplesmente, “movimento”, enquanto ainda outros preferem identificar essa mobilização como “movimento da igreja emergente” (MEISTER, 2006, p. 95).

A dificuldade encontrada na busca por um termo utilizado de forma unânime para se referir ao movimento se repete durante a tentativa de definir o movimento. Nem mesmo os principais proponentes do movimento estão em plena harmonia entre si naquilo que pensam, pregam e publicam, e isso justifica o porquê que definir o movimento não é uma tarefa fácil (BARBOSA, 2017). A razão disso é que “não há um modelo único para a igreja emergente: a modernidade pode nos ter ensinado a olhar para um simples modelo e imitá-lo. Mas, no contexto pós-moderno de hoje, não é assim tão simples” (KIMBALL, 2008, p. 20).

Apesar disso, uma definição, ainda que genérica, pode ser feita com o propósito de auxiliar o leitor a ter uma visão geral do movimento. Pode-se dizer que a igreja emergente é um movimento, denominado cristão, em expansão dentro da igreja evangélica nas últimas décadas (MEISTER, 2006) que surgiu como uma resposta aos desafios impostos pela pós-modernidade na forma de um esforço missiológico para se tornar relevante dentro da cultura emergente (ZUKOWSKI, 2017).

Origem

Quanto à gênese do movimento, Barbosa, afirma em consonância com diversos outros autores que estudam e escrevem sobre o movimento emergente que

Podemos dizer que o movimento da igreja emergente teve seu início a partir de uma conferência organizada pela Leadership Network, nos Estados Unidos, em meados dos anos 1990. O foco inicial do evento era o ministério para a Geração X, mas a ênfase mudou para questões relacionadas a como ser igreja em uma cultura emergente pós-moderna (BARBOSA, 2017, p. 7).

Já quanto à primeira ocorrência do termo “igreja emergente”, os professores Eddie Gibbs e Ryan K. Bolger (2005) asseguram que ele foi usado pela primeira vez no site *emergingchurch.org*, criado por Karen Ward que inicialmente ambicionava apenas manifestar a sua insatisfação com igreja evangélica dos anos 90. Após isso, Brian McLaren teria sido pioneiro no uso do termo intencionando propor uma forma alternativa para a igreja na pós-modernidade (MEISTER, 2006).

Para Daniel (2007, p. 29), a origem do movimento emergente é recente. Ele afirma que a igreja emergente

Nasceu no final do século XX, mas floresceu no início do século XXI. Trata-se de um movimento que prega a necessidade de uma nova compreensão do Evangelho e da Espiritualidade, e de uma nova teologia com uma nova abordagem da Bíblia.

Mauro Meister entende que o terreno ideal para o surgimento do movimento da igreja emergente foi fertilizado pelas circunstâncias em que se encontrava o cenário cristão norte-americano dos anos 80. Segundo ele

Nos anos 80 desenvolviam-se no meio da igreja evangélica norte-americana as igrejas GEN-X, ou geração X, equivalente à geração “coca-cola”. Esse movimento caracterizava-se por comunidades em que o culto oferecia música em alto volume, vida apaixonada, pregação informal, relacionamentos *friends* e mais adiante a presença de expressões artísticas no culto, inclusive cerimônias à luz de velas. Todavia, esse formato de igreja e culto não se mostrou efetivo no alcance da geração pós-moderna. Para tanto, seria necessário um passo a mais (MEISTER, 2006, p. 101).

Dan Kimball (2008, p. 32) chama essas primeiras tentativas ou métodos de se comunicar com as novas gerações no final do século XX de “sensível-ao-interessado” que, segundo ele, é “uma estratégia de ministério para atrair aqueles que sentem que a igreja é irrelevante ou obtusa”. O problema é que para atrair pessoas, muitas vezes, este método

Acarreta a remoção de tudo o que é considerado bloqueio religioso e demonstrações de espiritualidade (coisas como louvor prolongado, símbolos religiosos, períodos de oração intermináveis, liturgia, etc.) para que os interessados possam se relacionar com o ambiente e ser transformados pela mensagem de Jesus (KIMBALL, 2008, p. 32).

E assim como supracitado por Meister (2006) essa estratégia de culto acabou não sendo eficiente no desafio de dialogar com a geração emergente. A igreja emergente idealizada por Kimball não se utiliza deste estilo de culto. Na verdade, apesar de ele mesmo já ter se utilizado deste método, e ele ter funcionado durante algum tempo,⁵ ele entende que a igreja emergente existe num mundo pós-sensível-ao-interessado que, segundo ele, significa

Retornar a uma forma básica de cristianismo clássico, que [...] destaca, jamais esconde, demonstrações plenas de espiritualidade (louvor e adoração prolongados, símbolos religiosos, liturgia, muito tempo de oração, uso farto das escrituras e de leituras, etc.) para que as pessoas possam ter uma experiência e ser transformadas pela mensagem de Jesus. Essa abordagem, no entanto, se faz com vida renovada, sem deixar de ser “sensível”, à medida que se oferecem aos interessados instruções claras e explicações de termos teológicos e exercícios espirituais (KIMBALL, 2008, p. 33).

Dessa forma, a igreja emergente surge como uma reação ao cristianismo do período moderno que falhou em alcançar a geração emergente, e que se considera capaz de falar “uma linguagem totalmente nova, com o fim de alcançar a geração pós-moderna” (MEISTER, 2006, p. 99).

Muitos podem ter a impressão de que o movimento emergente é meramente um novo estilo de adoração, mas, na verdade, representa bem mais do que isso porque é um movimento complexo, multifacetado que não se resume apenas a estilo (CANALE, 2011, p. 67), nem a simplesmente ser igreja em diferentes períodos. A causa disso é que além dos contrastes percebidos entre os paradigmas modernos e os pós-modernos, “As igrejas que abraçam este título [ou práticas] não são monolíticas. Há uma imensa diversidade de estilos, organização, teologia e práticas entre as [próprias] igrejas emergentes” (CONDER, 2006, p. 23, tradução nossa).

⁵ Para mais detalhes, leia o capítulo 2 de “KIMBALL, Dan. **A igreja Emergente: Cristianismo Clássico para as novas gerações.** São Paulo: Editora Vida, 2008”.

CARACTERÍSTICAS

Ao buscarmos destacar algumas características do movimento, devemos ter em mente que apesar de que a igreja “emergente significa uma centena de coisas diferentes para uma centena de pessoas diferentes” (DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 21), e a despeito da “pluralidade de vozes e comunidades que compõem o movimento emergente, é possível identificar certas atitudes, objetivos e características em comum que as unem” (STEGER, 2017, p. 35). E, uma vez que “o movimento já desenvolveu identidade própria” (CARSON, 2010, p. 9), é possível perceber características indiscutivelmente presentes na base dessa estrutura emergente.

Subjetividade e Pluralismo

Conforme observado no gráfico disponibilizado, houve uma mudança acentuada dos paradigmas objetivos da modernidade para os paradigmas subjetivos da pós-modernidade, e, uma vez que isso aconteceu, o passo seguinte foi o surgimento de infinitas explicações e interpretações bíblicas dentro desse novo formato da igreja.

Na visão dos líderes emergentes aquela forma de ser igreja é cativa dos conceitos do absolutismo da era moderna e o movimento emergente veio trazer a liberdade necessária para um cristianismo relevante na pós-modernidade. Logo, uma das marcas principais do pensamento emergente é a aversão ao absolutismo, ou seja, a forma de pensar do modernismo, que admite o conceito de verdade absoluta com bases fundacionalistas (MEISTER, 2006, 103).

Brian McLaren, um dos principais proponentes do movimento emergente, escreveu logo na capa de seu livro:

Por que sou um cristão missional, evangélico, pós-protestante, liberal-conservador, místico-poético, bíblico, carismático-contemplativo, fundamentalista-calvinista, anabatista-anglicano, metodista, católico, verde, encarnacional, deprimido-mas-esperançoso, emergente e inacabado (MCLAREN, 2004).

O líder da comunidade Revive, em Leeds, no Reino Unido, Simon Hall (2005, apud GIBBS; BOLGER, 2005, p. 38) afirmou durante uma entrevista: “meu alvo para a comunidade não é ser ‘pós’ tudo. Nós somos evangélicos e carismáticos e liberais e ortodoxos e contemplativos e ligados à justiça social e ao culto alternativo”.

Estas declarações retratam bem a pluralidade (para não dizer confusão) emergente a respeito de verdade e ortodoxia, e que também se torna perceptível nas demais áreas em que o movimento se expressa. Claramente subjetiva, a afirmação de Brian McLaren revela um pouco da incoerência presente em muitos discursos emergentes. Esse

parágrafo não surpreende tanto quando reconhecemos o movimento como um “fenômeno pós-moderno” (JOHNSON, 2008, p. 212, tradução nossa), e, portanto, refletindo em grande medida o paradigma ideológico do pós-modernismo: a subjetividade e o pluralismo.

Ambiguidade

A ideia de ambiguidade aqui não é uma redundância da característica anterior – pluralismo. Na verdade, enquanto o pluralismo tem que ver com uma variedade de opiniões igualmente válidas e aceitas pelo do movimento emergente, a ambiguidade, na visão de DeYoung e Kluck, se refere a uma postura evasiva quando lhe é solicitado um posicionamento a respeito de algumas questões geralmente consideradas como certas ou erradas dentro do cristianismo, como é o caso da posição teológica tradicional a respeito da homossexualidade.

Francamente, muitos não sabem o que deveríamos pensar sobre a homossexualidade. [...] Isso nos aliena tanto dos liberais como dos conservadores que parecem saber exatamente o que deveríamos pensar. [...] Se pensarmos que de fato é possível haver um contexto legítimo para algum relacionamento homossexual, sabemos que os argumentos bíblicos são cheios de nuances e de múltiplas camadas, e que as ramificações pastorais são estonteantemente complexas. Não sabemos ao certo se limites precisam ser traçados nem quais são esses limites, e também não sabemos como impingir com equidade esses limites, sejam eles quais forem (MACLAREN, 2006 apud DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 53).

Protesto dentro do protestantismo

Embora o proponente mais articulado do movimento da igreja emergente – Brian McLaren – negue que o pós-modernismo seja antimodernista, ou que o pós-modernismo invalide o modernismo (CARSON, 2010), é patente que o pós-modernismo rejeita em grande medida e em diversos aspectos a herança moderna. E levando em conta que a igreja emergente “procura adaptar o cristianismo ao pensamento pós-moderno” (CANALE, 2017, p. 15) é razoável que o movimento tenha uma rejeição pela igreja concebida no mundo moderno semelhante à rejeição do modernismo pelo pós-modernismo.

Dr. Bohannon (2010, p. 41) afirma que “a igreja emergente opera com um elemento de protesto que quer promover uma reforma em como a igreja funciona”. Carson (2010) concorda com essa visão e sistematiza este protesto agrupando-o em 3 frentes: (1) protesto contra o evangelicalismo tradicional; (2) contra o modernismo, e (3) contra as igrejas estilo sensível-ao-interessado. Meister (2006) acrescenta mais um tipo de protesto que, segundo ele, é contra os conceitos de autoridade e hierarquia. Segundo

ele, “é comum encontrar nos relatos emergentes a noção de que as estruturas eclesiais do modernismo e suas hierarquias são antibíblicas. Um excelente comentário sobre essas frentes pode ser encontrado no parágrafo abaixo:

Dentre as características marcantes do Movimento Emergente, é possível destacar o seu espírito de protesto contra o cristianismo institucionalizado ou denominacional. Os Emergentes acreditam que o modelo de igreja comum está ultrapassado e não consegue atender as demandas do pós-modernismo. Interessante é notar que esta aversão é justamente pelo cristianismo tradicional defender a verdade absoluta, elemento que os pós-modernos têm afeição. Abominam também o conceito de hierarquia nas igrejas, julgando-os anti-bíblicos; nas Igrejas Emergentes, a figura de pastores, bispos, presbíteros praticamente não se encontram. (AYRES, 2011, p. 13).

Uma igreja missional

Os principais propagadores do movimento orgulham-se de que a uma igreja emergente seja missional. Com isso eles querem dizer que a igreja emergente procura “1) identificar-se com a vida de Jesus, 2) transformar o mundo secular e viver uma vida de comunhão profunda” (DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 20). Em outras palavras, o movimento emergente pretende evidenciar o cristianismo de forma prática, servindo as pessoas e à sociedade para “revelar a natureza ‘encarnada’ do cristianismo, da mesma forma que Jesus andou entre as pessoas pobres e rejeitadas e foi parte da sua transformação social” (MEISTER, 2006, p. 107).

Antes de encerrarmos esta seção, é importante assinalar que a identificação de uma igreja não se limita simplesmente ao “ser” ou “não ser emergente”. Acreditamos, a partir de Kimball (2008, p. 49), que uma igreja pode ser classificada como “emergente” em níveis diferentes níveis como em uma escala que considera o quão “emergente” uma igreja realmente é levando em consideração a apresentação de todas ou algumas características do movimento. Sendo assim, podemos ter igrejas declaradamente emergentes ou igrejas protestantes, evangélicas que apresentam ideias e características emergentes, e que são emergentes em diferentes escalas.

REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO EMERGENTE

Certamente a fluidez de pensamento, subjetividade, e ausência de padrão são algumas das principais marcas da pós-modernidade, e o movimento emergente já nasce marcado por essas características que fazem dele um tipo de expressão religiosa pós-moderna.

Já vivemos a época do “crer para pertencer” na qual uma boa parte da igreja (aparentemente) não enxergava o mundo como um campo missionário, mas sim como

um inimigo armado contra quem devia se defender, e qualquer um que demonstrasse interesse por sua mensagem e privilégios devia ser examinado e testado para garantir que não era um agente infiltrado em suas fileiras (com acréscimo de ironia). Daí passamos para o período do “pertencer para crer”, que é justamente o protesto emergente que inverte a ordem inicial – crer para pertencer – e defende que as pessoas devem ser convidadas a pertencer à comunidade cristã, e uma vez que estejam integradas, o “crer” deve vir na sequência (CARSON, 2010, p. 181).

Nota-se, portanto, que o movimento emergente traz em seu arcabouço filosófico as premissas pós-modernas, as quais aplica à sua teologia moldando-a segundo suas concepções, fazendo com que a cultura dê forma à sua teologia. A noção e a ordem tradicional de discipulado são substituídas por metodologias que se harmonizam com as exigências pós-modernas, e parecem mais preocupados em zelar pelo ouvinte do que pela pureza da mensagem.

Apesar disso, o movimento emergente, ou qualquer outro movimento cristão, não pode ser imediatamente descartado simplesmente por ser novo ou diferente sob o risco de perdermos contribuições significativas que talvez ele possa oferecer. “A maioria dos movimentos traz em si coisas boas e más” (CARSON, 2010, p. 52), por isso devemos rejeitar qualquer erro que acompanhe o movimento emergente, conquanto não devamos abdicar de fazer algumas reflexões que possam nos trazer contribuições importantes quanto às novas e válidas abordagens direcionadas a alcançar as novas gerações. Nossas próximas linhas estão dedicadas a pontuar e refletir suscintamente sobre alguns riscos e contribuições que decorrem do movimento emergente.

RISCOS LIGADOS AO MOVIMENTO EMERGENTE

Negação de modelos de experiência cristã genuína

Estar ou não estar correto não é nem de longe uma preocupação emergente. A ideia de que nós devemos buscar um caminho certo para atingir um determinado objetivo ou chegar em determinado lugar já é superada. A experiência cristã é mais uma viagem cujo o destino não é tão importante quanto o percurso. Spencer Burke escreve:

Guias turísticos não se sentem livres para desviar da ‘rota’ que outros cristãos estabeleceram. Além do mais, não são aptos a impor o mesmo tipo de estrutura rígida aos outros. Tornar-se um viajante, porém, o capacita a ser sincero consigo mesmo [...]. Como viajante, sou livre para amar e ser amado. Não me preocupo com o fato de dar um passo errado ou de perder minha posição. Sou apenas mais uma pessoa na jornada – um filho de Deus (2003, p. 45 apud DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 37).

Em outras palavras, a essência da jornada cristã não é entendida como um destino a

ser alcançado –a pátria celestial ou se tornar uma pessoa, um cristão melhor, – mas como sendo a experiência emocionante do percurso onde eu me aceito e me concentro em ser aceito e amado por Deus. Segundo DeYoung e Kluck (2011, p. 40): “pelo fato de a jornada cristã ser mais uma experiência do que um destino, a vida cristã exige menos reflexão doutrinária e mais introspecção pessoal”. A implicação deste modelo de entender a experiência cristã é que a experiência espiritual pessoal de cada um é superestimada em detrimento de um caminho bíblico no qual os cristãos devam trilhar.

Ortodoxia generosa

Para Chesterton (2007, p. 23), ortodoxia se refere ao “credo dos apóstolos [...] e a conduta histórica daqueles que adotavam este credo”. Por meio desta definição, muitas práticas emergentes já seriam desaprovadas, mas o movimento emergente não abriu mão da ortodoxia. Ao invés disso, tratou de “deturpar o que ‘ortodoxia’ significou no passado, dar uma nova definição de ‘ortodoxia’” (CARSON, 2010, p. 223). Então, “ortodoxia” para um cristão emergente não contém o mesmo significado que tradicionalmente costumava ter. Em outras palavras, o movimento emergente reconfigurou o conceito de ortodoxia de forma a torna-lo muito mais flexível e capaz de suportar muitas práticas heterodoxas sob o título de “ortodoxia generosa”.

Descrédito à revelação divina

Fato é que a cognoscibilidade de Deus é tão infinita quanto a Sua própria existência (DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 40). Isso significa dizer que um perfeito conhecimento de Deus não pode ser plenamente concebido pela finita mente humana. No entanto, isso não significa dizer que seja impossível alcançar qualquer conhecimento sobre Ele. A grande questão aqui é que os líderes emergentes estão permitindo que a infinitude de Deus engula sua cognoscibilidade.

O agnosticismo emergente em relação a verdadeiramente saber e entender qualquer coisa sobre Deus aparenta ser humildade piedosa. Parece honrar a infinitude de Deus, mas na verdade enfraquece seu poder soberano. Os pós-modernos acolhem tamanha desconfiança na linguagem e descrença na capacidade de Deus de comunicar verdade à mente humana que, de fato, se envolvem naquilo que Carson chama de ‘amordaçamento de Deus’ (DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 42).

Todo o argumento nessa direção elaborado pelos líderes do movimento emergente insinua que impossibilidade de Deus ser, ainda que em partes, compreensível, implica em questionar as escrituras com sendo de fato uma revelação especial de Deus. Observe, por exemplo, a alegação de Tomlinson:

Dizer que a escritura é a palavra de Deus é fazer uso de uma metáfora. Não se pode pensar em Deus literalmente dizendo palavras, uma vez que elas são um fenômeno totalmente humano que jamais poderia mostrar-se como meio adequado para a comunicação de um Deus infinito (DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 42).

Essa alegação é antagonicamente incompatível com a própria reivindicação bíblica de ser da parte de Deus, e sem a mínima dúvida coloca em xeque o próprio alicerce do cristianismo ao atacar o livro-fonte de suas compreensões. Além disso, é irrazoável concluir que porque Deus – na sua infinitude – fala e nós conseguimos entender – na nossa infinitude –, isso diminui sua divindade. Pelo contrário, é precisamente por também poder fazer isso que vislumbramos a realidade de sua divindade. Por esta razão, entendemos, juntamente com Carson (2010), “ser possível e razoável falarmos que seres humanos finitos conheçam de fato certas coisas, ainda que não de forma exaustiva e onisciente”.

Negação de certezas

Como consequência da problemática anterior, ter qualquer certeza sobre Deus ou sobre algo no cristianismo é sinal de presunção e, por isso, é uma tarefa desencorajada pelos líderes do movimento emergente. Um ponto de vista contundente sobre a questão diz que “presumir que conseguimos ‘reconhecer Jesus com precisão’ ou ‘resumi-lo’ é não apenas arrogante, mas também estúpido e, no final, inibe nossa habilidade de comunicar sua mensagem imutável a um mundo inconstante” (CHALKE, 2003, p. 18 apud DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 46).

Por outro lado, a incerteza é vista como indício de humildade. A indisposição de se posicionar sobre questões religiosas ou mesmo espirituais é vista com bons olhos por aqueles que pretendem negar a possibilidade de se alcançar certezas e, com isso, deixar o caminho livre para as mais diversas experiências em nome da incerteza, fascínio e busca de Deus.

Mas por que fascínio e busca precisam significar o fim de toda a certeza? [...] há momento para conversa. Mas também há momento de certeza, não porque tenhamos dissecado a Deus como um aluno do primeiro ano de biologia dissecou um sapo, mas porque Deus nos falou de maneira clara e inteligível e nos deu ouvidos para ouvir sua voz (DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 46).

Questionar a possibilidade de se obter certezas em questões ligadas à Deus, Sua vontade ou Seus caminhos é uma das principais responsáveis pela ambiguidade, que é uma das características do movimento emergente, porque uma vez que não se pode ter certeza ao posicionar sobre uma coisa ou outra, logo, as duas permanecem como opções.

Supervalorização da dúvida

A dúvida recebe lugar de honra na fé cristã emergente. Isso porque após negar a existência de determinados padrões que podem ser identificados na vida de alguém que experimenta a conversão, ou da impossibilidade de se acreditar que verdadeiramente Deus possa se fazer compreender objetivamente pela mente humana por meio de sua revelação especial (a Bíblia), e conseqüentemente deduzir que é impossível verdadeiramente se alcançar certezas ou declarações de verdades, o próximo passo é entregar a chave da experiência cristã à incerteza e se render ao domínio da dúvida.

Nós não estamos dizendo que a dúvida não faz parte da experiência cristã ou da experiência humana em geral. Pelo contrário, reconhecemos que

Os cristãos, muitas vezes grandes cristãos, passam por períodos de dúvida. Eles questionam sua fé. Não sentem a presença de Deus. Duvidam de sua salvação. A maioria de nós sentirá coisas semelhantes em algum ponto da vida, sendo essa a razão de Judas dizer 'tenham compaixão daqueles que duvidam' (Jd 22) (DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 60).

Mas DeYoung e Kluck (2011) também argumentam que se devemos ter compaixão daqueles que duvidam, isso não sugere que a dúvida é algo que devemos resolver e lutar contra em vez de abraçar como a grande amiga da fé? (DEYOUNG; KLUCK, 2011, p. 60).

Enfrentar momentos de dúvida e incerteza ao longo da jornada cristã é diferente de concluir que essa é a essência da vida cristã. Estamos convencidos de que é necessário que tenhamos abertura para se fazer novas e até retomar antigas reflexões no meio cristão. No entanto, que a dúvida não seja um fim em si mesmo, mas que conduza a uma busca dedicada, e essa busca conduza a um conhecimento que, por sua vez, produza certezas.

CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO EMERGENTE

O movimento emergente recebe o mérito de ser responsável por uma reavaliação do funcionamento da igreja, levando-se em consideração que "muitos dos problemas levantados pelos emergentes são válidos e merecem uma resposta da igreja" (ZUKOWSKI, 2017, p. 12).

Necessidade de comunidade

A igreja emergente reconhece que os pós-modernos possuem uma profunda necessidade de comunidade e intimidade, e por isso há ênfase no contato, na

aproximação e no relacionamento interpessoal criando uma igreja que busca ser mais intimista e relacional. Paulin (2006, p. 12, tradução nossa) vê nisso a atuação divina levando a cultura a abrir as portas para a pregação e vivência autêntica do cristianismo bíblico. Ele diz que “quando os cristãos aprenderem a experimentar e a expressar o tipo de comunidade ensinada no Novo Testamento, eles verão os pós-modernos bastante interessados no que eles têm a oferecer”.

No contexto Adventista do Sétimo Dia, há um esforço a direção de conscientizar a igreja a respeito da importância de se viver em comunidade. É indispensável que se continue a empregar esforços nessa direção e se dê cada vez mais ênfase na vida em comunidade especialmente à medida que percebemos que esta é e que será uma necessidade ainda maior ao nosso redor nos próximos anos.

Inclusão e tolerância

A igreja emergente se beneficia da sensibilidade pós-moderna ao diferente e que resulta em um espírito de inclusão, em grande medida, aberto a uma variedade de perspectivas consideradas igualmente válidas e possíveis (IBIDEM, 2006). Além disso, devemos nos sentir desafiados a ser mais abertos à diversidade de pessoas e contextos que convivem conosco no mundo pós-moderno. Isso nos fará pessoas menos críticas e, à luz da Bíblia, mais flexíveis e hábeis no comunicar do evangelho a diferentes pessoas, em diferentes lugares e contextos.

Relevância

Vale a pena destacarmos a preocupação do movimento emergente com relação à relevância da igreja dentro da cultura pós-moderna. Não há nenhuma discussão séria e equilibrada que discorde de que a igreja cristã deve se atualizar constantemente para se manter relevante para o contexto em que está inserida. Mesmo Ellen White não foi contra a elaboração e uso de novos métodos. Pelo contrário, ela mesma recomendou, em nome do Senhor, que se utilizasse novos métodos a fim de facilitar a aproximação das pessoas. Ela escreveu:

O Senhor deseja que Seu povo siga outros métodos que não os que levam a condenar o erro, mesmo que a condenação seja justa. Ele quer que façamos alguma coisa melhor do que atirar contra nossos adversários acusações que só servem para afastá-los mais da verdade. A obra que Cristo veio fazer em nosso mundo não foi erguer barreiras, nem lançar constantemente no rosto do povo o fato de que se achavam em erro (WHITE, 2004, p. 121).

Nesse sentido, há uma grande contribuição do movimento da igreja emergente

quando se propõe buscar a tão necessária relevância.

A busca da comunicação efetiva dentro da cultura é, com certeza, um ponto que deve levar a igreja à reflexão, e nisto o movimento emergente nos chama a atenção. O perigo de tornar-se irrelevante é sempre presente para a igreja em qualquer tempo e, com certeza, a igreja de 'nosso tempo' deixa de falar efetivamente em muitas situações, principalmente pelo medo de expor-se e viver no mundo (MEISTER, 2006, p. 110)

O ponto de tensão situa-se na investida emergente de “dissolver” algumas estruturas sólidas que são os próprios pilares do cristianismo. Em outras palavras, na ânsia emergente por tornar a igreja capaz de se comunicar com a geração pós-moderna, o movimento emergente acaba comprometendo questões fundamentais da compreensão cristã.

Autenticidade e confiabilidade

Outro ponto positivo do movimento emergente é sua busca por autenticidade e sua rejeição da hipocrisia que é frequentemente encontrada entre os cristãos e é verificada na falta de coerência entre o discurso cristão e suas práticas. Estas incoerências no meio cristão são percebidas com críticas pelos pós-modernos que acabam associando a imagem dos cristãos com pessoas indignas de confiança. Kimball observa que esta imagem é frequentemente alimentada pela forma como a mídia costuma retratar os cristãos.

Quase todas as vezes que um cristão é representado na televisão ou no cinema, ele é de algum modo ignorante, negligente, tem aparência de fanático, geralmente envolvido em alguma cruzada para varrer os males da sociedade e converter as pessoas ao seu modo de pensar. Acrescente-se a isso as prisões públicas de pastores ou sacerdotes acusados de crimes sexuais (KIMBALL, 2008, p. 103).

Assim, os líderes emergentes reconhecem que, no meio deste cenário marcado pela desconfiança, os cristãos precisam oferecer autenticidade e confiabilidade na prática através de suas vidas. Sabendo que “a sociedade pós-moderna dificilmente rejeita a sólida mensagem bíblica quando observa que o mensageiro vive de modo coerente” (STEGER, 2017, p. 35), nos encontramos fortemente persuadidos de que a maior contribuição do movimento emergente reside no alerta sobre a necessidade de sermos autênticos, e vivermos profundamente comprometidos com o evangelho que pregamos se quisermos alcançar as gerações emergentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desapontamento experimentado no final do século XX com relação aos

ideais e expectativas apregoados durante o período moderno conduziu a uma vigorosa insatisfação que seria o combustível para o início de um processo de ruptura com os ideais modernos e o nascimento de uma nova era. Como consequência disso, um novo paradigma social emerge colocando em xeque valores sociais, éticos, morais, religiosos, científicos, etc. A partir disso, essas transformações no cenário mundial desencadeadas pela chegada da pós-modernidade configuraram um tremendo desafio ao avanço efetivo da pregação do evangelho que foi confiado à igreja, e isso despertou o interesse de muitos por encontrar uma missiologia que fosse relevante para este novo contexto formado por uma cosmovisão pós-moderna.

O movimento da igreja emergente surge como uma dessas tentativas de tornar a igreja relevante, e sua mensagem inteligível e interessante. No entanto, como visto ao longo deste trabalho, no ímpeto de dialogar com as novas gerações de forma contextualizada, os líderes do movimento permitiram que a igreja absorvesse o espírito de protesto presente no pós-modernismo, e passaram a questionar a própria igreja, suas verdades, compreensões e práticas. O resultado disso pode ser observado nas próprias características do movimento emergente que revelam um movimento marcado pela subjetividade das verdades, pluralização das interpretações bíblicas e ambiguidade no posicionamento sobre questões morais.

Em virtude dos aspectos observados, mostra-se pertinente sugerirmos algumas conclusões sobre o movimento da igreja emergente, as quais chegamos após a realização deste breve estudo.

Primeiramente precisamos ser sensatos e reconhecer que o tempo passa, as gerações mudam e nós devemos reagir a essas transformações, estudá-las, compreendê-las e não devemos ter receios de admitir que a igreja também pode e deve mudar. Em segundo lugar, também precisamos ter a coragem de permanecer fiéis à mensagem do evangelho e não ter receios de admitir que o evangelho não pode ser adulterado em nome de uma ortodoxia mais “generosa”. De sorte que devemos buscar o equilíbrio para fazermos importantes atualizações sem, com isso, comprometermos a pureza do evangelho.

Em terceiro lugar, é necessário que sejamos claros ao declarar que o movimento emergente oferece riscos à igreja, tanto à sua estrutura quanto à sua mensagem que se torna passível das mais variadas interpretações à luz da hermenêutica pós-moderna. Em quarto lugar, devemos manifestar hombridade para admitir que a igreja emergente também nos ensina importantes lições sobre questões ligadas à relevância, tolerância, inclusão, autenticidade na vida cristã e liberdade para repensar alguns aspectos da igreja procurando torná-la mais eficaz.

A igreja cristã dentro da pós-modernidade não precisa nem deve ser pós-moderna, no que diz respeito a se apropriar de todo da mentalidade pós-moderna. Contudo, precisa e deve estar ciente das particularidades desse momento e de sua mentalidade

para assim utilizar intencionalmente este conhecimento como lentes especiais de observação da sociedade, identificando as mudanças que se fazem necessárias e sabiamente se adaptando para possibilitar o diálogo com as pessoas presentes neste novo paradigma e comunicar o evangelho de forma inteligível para o mundo pós-moderno.

REFERÊNCIAS

- AYRES, Jonas. **A igreja no horizonte pós-moderno**. São José dos Pinhais: NAPEC, 2011.
- BARBOSA, Wellington. Abaixo da superfície. **Revista Ministério**, Tatuí, SP, ano 89, n. 532, p. 7-9, jul./ago. 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENTON, John. **Cristãos em uma sociedade de consumo**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.
- BOHHANON, John S. **Preaching to the emergent church: an examination of four leaders: Mark Driscoll, Dan Kimball, Brian McLaren, and Doug Pagitt**. Lexington, KY: CreateSpace, 2010.
- CANALE, Fernando. **Por dentro da igreja emergente**. Revista Ministério, Tatuí, SP, ano 89, n. 532, p. 14-16, jul./ago. 2017.
- CANALE, Fernando. The emerging church part 2: Epistemology, Theology, and Ministry. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 22, n.2, 2011.
- CARSON, D. A. **Igreja Emergente: o movimento e suas implicações**. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- CHESTERTON, Gilbert K. **Ortodoxia**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2007.
- CONDER, Tim. **The church in transition: the journey of existing churches into the emerging culture**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006.
- DANIEL, Silas. **A sedução das novas teologias**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- DEYOUNG, Kevin; KLUCK, Ted. **Não quero um pastor bacana: e outras razões para não aderir à igreja emergente**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- FORTES, Carolina Coelho. O pós-modernismo, Lyotard e a história: a condição pós-moderna e uma tentativa de aproximação ao fazer historiográfico. **Revista de história e Estudos culturais**, vol. 11, ano XI, n. 2, Jul./dez. 2014.
- GIBBS, Eddie, BOLGER, Ryan K. **Emerging Churches: Creating Christian Community in Postmodern Cultures**. USA: BAKER, 2005.
- GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**.

São Paulo: Vida Nova, 1997.

JOHNSON, L. W; GLEASON, R. L (Ed). **Reforming or Conforming**: post-conservative evangelicals and the emerging church. Wheaton, IL: Crossway Books, 2008.

KIMBALL, Dan. **A igreja Emergente**: Cristianismo Clássico para as novas gerações. São Paulo: Editora Vida, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império de efêmero**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

MCLAREN, Brian. **A generous orthodoxy**: why I am a missional, evangelical, post/protestant, liberal/conservative, mystical/poetic, biblical, charismatic/contemplative, fundamentalist/calvinist, anabaptist/anglican, methodist, catholic, green, incarnational, depressed-yet-hopeful, emergent, unfinished Christian. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004.

MEISTER, Meister. Igreja emergente, a igreja do pós-modernismo?: Uma avaliação provisória. **Fides Reformata**, v.11, n.1, p. 95-112, 2006.

NASCIMENTO, JPC. **Abordagens do pós-moderno em música**: a incredulidade nas metanarrativas e o saber musical contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PAULIN, JON. God's mighty acts in a changing world (Part 1 of 2), **Ministry**, Nampa, ID, vol. 78, n. 2, fev. 2006.

STEGER, Walter. Autenticidade e ação. **Revista Ministério**, Tatuí, SP, ano 89, n. 532, p. 35, jul./ago. 2017.

WHITE, Ellen. **Testemunhos para igreja**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004. v.6.

ZUKOWISKI, Jean. A gênese de um movimento. **Revista Ministério**, Tatuí, SP, ano 89, n. 532, p. 10-12, jul./ago. 2017.